

CONTRIBUIÇÕES DO ALMANAQUE DO POBRE RICARDO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

TÂMARA REGINA REIS SALES*

INTRODUÇÃO

Ancorado na perspectiva da História Cultural, este trabalho insere-se na História da Educação, especificamente na História do Livro e da Leitura, e é parte de uma dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida com o subsídio da FAPITEC/SE. O objetivo deste artigo é analisar a materialidade do livro “Almanaque do Pobre Ricardo”, olhando e interpretando-o interna e externamente, observando os seus aspectos físicos, os conteúdos abordados, e a sua importância como suporte material de práticas de leitura, a fim de evidenciar as suas contribuições para a História da Educação brasileira.

O principal objeto da História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Uma das suas principais características é expandir o conhecimento sobre as fontes para utilizar as mais diversificadas nas pesquisas históricas.

Esse trabalho embasa-se no conceito de cultura de Norbert Elias (1994), que a compreende como tudo aquilo que distancia o homem da natureza. A cultura diz respeito às práticas sociais, as quais são fundamentalmente civilizatórias abrangendo os âmbitos educacional, econômico, religioso, artístico, político, moral e técnico.

A História do Livro e da Leitura vem interessando pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, e baseiam-se, respectivamente, na descrição dos objetos mais lidos e por quem era lido e, na produção, circulação e apropriações dos materiais de leitura. Esses estudos contribuem para a melhor compreensão dos processos educativos do passado.

* Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes. Bolsista PROCAPS – UNIT e FAPITEC/SE. Graduada em Matemática Licenciatura pela Universidade Tiradentes. Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE/Unit/CNPq). E-mail: tamara.sales89@hotmail.com

A História da Leitura surge para entendermos como, em determinadas épocas e sociedades, os indivíduos liam e o que influenciava e determinava suas leituras. Dentro do enfoque da leitura, pensa-se o livro, sendo este composto de elementos que influenciam algumas práticas. Para Darnton (2010), a História do Livro,

[...] vem sendo reconhecida como uma importante nova disciplina. Poderia até ser chamada de história social e cultural da comunicação impressa se essa definição não fosse tão extensa, pois sua finalidade é compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e a conduta da humanidade nos últimos quinhentos anos (DARNTON, 2010, p. 189-190).

De acordo com Darnton (2010), os livros impressos devem ser então compreendidos e analisados desde o seu autor ao leitor, considerando que as condições variam de acordo com o local e época de escrita e circulação da obra.

Manuscritos ou impressos, os livros também são “objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (CHARTIER, 1996, p. 8).

Os pesquisadores da História da Educação estão com o foco de investigação nas práticas educacionais e culturais, e para essa investigação foram utilizados alguns procedimentos metodológicos, evidenciando o *método indiciário* elaborado por alguns historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (1989) para auxiliar no desvelamento de práticas culturais. Para Ginzburg (1989, p. 179), ninguém aprende o ofício do historiador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição, pistas, sinais, indícios.

“Nenhuma narração pode se sustentar sem indícios ou sintomas” (GINZBURG, 1979, p. 149). Utilizo este método para compreender e interpretar de maneira mais clara o impresso analisado.

Ao analisar o “Almanaque do Pobre Ricardo”, considero-o como um material utilizado para educar determinados grupos na sociedade, buscando indícios para evidenciá-lo como utensílio de propagação de práticas educacionais protestantes. Tais práticas passaram a ser valorizadas no Brasil dos oitocentos, e o modelo norte-americano torna-se referência no campo educacional brasileiro. Observar como esta instrução funcionou na América, como se

deu a circulação dessa nova pedagogia, e o que o Brasil almejou importar como método, auxilia na busca das práticas que estão presentes cultura brasileira.

As ideias de riqueza, progresso, frugalidade, valorizam a cultura norte-americana e são imbuídas no cenário educacional brasileiro por meio de elementos como escolas e igrejas protestantes. Além destas, foram construídos hospitais, já que, segundo Nascimento (2007) o projeto civilizador proposto por protestantes norte-americanos compreendiam a educação, saúde e religião.

ALMANAQUE DO POBRE RICARDO

Publicado a partir de 1732, o “Almanaque do Pobre Ricardo” é um anuário de informações gerais, escrito por Benjamin Franklin. Neste, Franklin apresenta diversos provérbios, tais como: “um tostão poupado é um tostão ganhado”, “é difícil que um saco vazio se conserve em pé”, “a experiência é uma escola rara, mas os tolos não querem aprender noutra”, “todo aquele que pede emprestado, logo se arrepende”, “nada é inevitável, exceto a morte e os impostos”, “Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos”. Em seus provérbios ele sempre iniciava com a frase “Como disse o Pobre Ricardo”.

Com o “Almanaque do Pobre Ricardo”, Benjamin Franklin pretendia se tornar um educador popular, difundindo uma moral leiga, baseada no trabalho, na economia e na honestidade. Este almanaque repercutiu Franklin como um jovem e amável sábio, conhecido em diversos países. Ele publicou o famoso almanaque durante 25 anos, com edições anuais de mais de dez mil exemplares.

O almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem “ler” (PARK, 1999, p. 09). Tem grande importância para a cultura brasileira, devido à quantidade de exemplares que divulgavam e a sua forte presença nas lembranças de leitura dos mais modestos leitores.

Almanaque. De tantos tempos. Renovados pelo olhar que dialoga com um texto perpetuado. Assim como nos calendários, trazem principalmente a marca dos tempos, numa repetição que nunca é a mesma, pois o tempo da leitura tudo modifica. Até o leitor. O alcance e a importância dessa literatura traduz-se pela alta tiragem de exemplares, gratuidade, modelo tipográfico e ampla rede de distribuição (PARK, 1999, p. 16).

Benjamin Franklin esforçou-se para tornar o almanaque pertinente e útil. Seus provérbios continham a sabedoria de muitas épocas e nações, por isso reuniu estes em um artigo, sendo este o prefácio do Almanaque do Pobre Ricardo de 1757.

Observando que era lido por quase toda a gente, raras sendo as pessoas na Província que o não possuíam, considerei-o como um veículo natural para a difusão da instrução entre gente comum, que só excepcionalmente compra outra classe de livros; preenchia, por isso, todos os pequenos espaços livres que restavam entre os dias mais notáveis do calendário, com máximas e provérbios, em especial aqueles que incitavam à aplicação ao trabalho e à frugalidade como meios para alcançar a riqueza, e, desta maneira, contribuía para a virtude [...] (FRANKLIN, 2005, p. 122).

Falar sobre impresso é reportar-se às várias formas materiais, observando e analisando, dentre outros fatores, o suporte e as mensagens contidas, e não apenas adentrando no mundo do texto, mas também do autor e do leitor.

Nesta perspectiva foi adotada a noção de representação. Segundo Roger Chartier (1990),

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Para o autor, ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse. Este entende que os impressos são dispositivos através dos quais os indivíduos visam impor determinadas representações do grupo social em que se encontram inseridos, e esta foi perceptível, ao analisar a materialidade do impresso, que o “Almanaque do Pobre Ricardo” está imbuído de representações, as quais Benjamin Franklin estava introduzido.

MATERIALIDADE DO ALMANAQUE DO POBRE RICARDO

O exemplar do “Almanaque do Pobre Ricardo” que possuo está datilografado, em inglês, intitulado *Poor Richard’s Almanac*, publicado no ano de 1757 pela Editora *David McKay Company – Washington Square – Philadelphia* e impresso nos Estados Unidos da América. Esta documentação contém 132 páginas, tem formato de bolso, com medidas de 10,5 cm de largura, 14,5 cm de comprimento e um cm de espessura, devendo ser levado em consideração que o livro já fora muito manuseado e posto em capa dura, logo a medida da sua espessura poderá ter sofrido modificações.

Foi localizada ainda uma obra que se refere ao “Almanaque do Pobre Ricardo”, intitulada “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de fazer Fortuna”, a qual circulou entre grupos protestantes¹. Os exemplares estão em português, um deles publicado no ano de 1825 pela Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Rua Nova do Carmo, nº 36, Lisboa, contendo 15 páginas. O outro exemplar foi publicado na livraria de Antonio Gonçalves Guimarães & C.^a, Rua do Sabão nº 26, Rio de Janeiro, contendo 32 páginas. Neste, não foi possível localizar o ano de publicação. Considerado um dos documentos fundamentais da História norte-americana, tal circulação é resultado da presença de elementos desta cultura no Brasil. Estas publicações foram encontradas, respectivamente, no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional de Portugal e na Coleção Folhetos Evangélicos. Esta obra foi escrita por Benjamim Franklin, e é parte do “Almanaque do Pobre Ricardo”, compreendendo a extensa introdução do impresso.

A materialidade do “Almanaque do Pobre Ricardo” revela uma capa dura, de cor azul escuro e folhas amareladas devido ao manuseio e ação do tempo, todas impressas no mesmo tipo de papel, fino, porém resistente. Apesar do tempo e manuseio, o livro se encontra num bom estado de conservação, com folhas inteiras, sem dobraduras e nem rasuras. Este se encontra dividido em um breve prefácio, introdução e 11 capítulos, intitulados: Plano para salvar mil libras, Dicas necessárias pra aquele que seria rico, Conselho para um jovem vendedor, A procura do tesouro escondido, Observações sobre os selvagens da América do Norte, Uma petição da mão esquerda, O assobio, Diálogo entre Franklin e Gout, A arte de

¹ Esta afirmação é fruto da pesquisa executada pela Mestre Mirianne Santos de Almeida, cujo objetivo foi compreender, a partir da Coleção Folhetos Evangélicos, de Vicente Themudo Lessa, a difusão de saberes e práticas educacionais protestantes. A Coleção Folhetos Evangélicos foi localizada no Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, em São Paulo e faz parte do acervo documental da Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

aquisição de sonhos agradáveis, O Efêmero: um emblema da Vida Humana, Para Senhorita Geogiana Shipley.

Os provérbios contidos no “Almanaque do Pobre Ricardo” eram montados por Benjamin Franklin para alcançar até a sua última publicação, datada de 1757, referente à obra que estou analisando.

A intenção de todos esses conselhos, portanto, tinha um foco capaz de causar uma ótima impressão. A obra sendo aprovada, era copiada em todos os jornais do continente e reeditada em massa em Britânico, para ser enfiada nas casas; duas traduções eram feitas em francês e muitos compravam para o clero e para a alta burguesia, para distribuir grátis entre paroquianos pobres e arrendatários. Na Pensilvânia, como era desencorajadoras e supérfluas as despesas estrangeiras, alguns pensavam que ter esse compartilhamento influenciava proporcionalmente no crescimento abundante de dinheiro que foi observado por muitos anos depois da publicação. (FRANKLIN, 1757, p. 2-3).

No almanaque, Benjamin Franklin traz conselhos para uma pessoa ser bem sucedida na vida, que é o ato do trabalho. Segundo FRANKLIN (1757, p. 12-13), “trabalhe enquanto é chamado hoje, porque você não sabe o quanto pode ser prejudicado amanhã; [...] Um hoje vale por dois amanhã; e mais, tem alguma coisa pra fazer amanhã? Faça hoje”.

Dentre outros fatores, o autor enfatiza a preguiça e o tempo como caminhos para o fracasso.

Preguiça reduz a vida. “Preguiça é como a ferrugem, consome mais rápido do que no uso; enquanto a chave usada é sempre brilhante”, como disse o Pobre Ricardo. “Mas você ama a vida? Então não desperdice tempo, pois a vida é feita dele”, como disse o Pobre Ricardo. [...] Se o tempo é o mais precioso de todas as coisas, “desperdício de tempo deve ser”, como disse Pobre Ricardo, “o maior desperdício”; [...] “A preguiça faz todas as coisas fáceis”, como disse Pobre Ricardo; [...] e “dormir cedo e acordar cedo faz um homem rico, saudável e sábio” (FRANKLIN, 1757, p. 9-10).

Neste almanaque, Benjamin Franklin consecutivamente se refere a publicações anteriores, e na sua escrita, na maioria das vezes, utiliza a linguagem metafórica, porém de fácil leitura e interpretação, com o intuito de atingir as classes menos favorecidas, por exemplo, os seus conselhos sobre prudência e cuidado com as coisas, na passagem: “Por falta de um prego o sapato foi perdido; por falta de um sapato o cavalo se perdeu; e por falta do

cavalo, o cavaleiro se perdeu; [...] tudo por falta de cuidado com um prego na ferradura” (FRANKLIN, 1757, p. 17-18).

Sempre em prol da riqueza e bem estar, Franklin diz que se quiser ser rico, “pense em guardar o que conseguiu. As índias não fizeram a Espanha ficar rica, porque seus gastos são maiores que seus rendimentos” (FRANKLIN, 1757, p. 19).

Ao analisar o livro “Almanaque do Pobre Ricardo” internamente, para além dos seus aspectos físicos e materiais, busco interpretar os conteúdos veiculados, evidenciando, em algumas passagens do texto, como os modos de agir e pensar de Benjamin Franklin influenciaram o seu escrito.

Baseada nas 13 virtudes, as quais Franklin enumerou em sua autobiografia e almejava alcançar, é feita a interpretação desta obra, observando o que está “além dos olhos”, através dos indícios captados nas entrelinhas do referido impresso. Estas virtudes são: temperança, silêncio, ordem, resolução, frugalidade, aplicação, sinceridade, justiça, moderação, limpeza, tranquilidade, castidade e humildade. Franklin almejava adquirir o hábito de todas as virtudes, julgou então que seria preferível não dispersar a sua atenção tentando abarcar todas elas de uma única vez, “quando tivesse conseguido dominar uma delas, passaria à seguinte, e assim sucessivamente, até conseguir dominá-las todas [...]” (FRANKLIN, 2005, p. 110), seguiu-as então, na ordem que ele elenca, já que a obtenção de algumas poderia facilitar a das outras, e continuou praticando de alguma forma o resto da sua vida.

Segundo Max Weber (2001, p. 20), “de acordo com Franklin, tais virtudes, assim como as demais, só são virtudes a medida em que são úteis ao indivíduo, e a substituição pela mera aparência é sempre suficiente desde que atinja o fim desejado”.

No primeiro capítulo do “Almanaque do Pobre Ricardo”, Benjamin Franklin demonstra em seu escrito uma das virtudes que ele elenca como imprescindível, que é a frugalidade. Supondo que metade das despesas seja com coisas supérfluas, Franklin elenca tópicos para “salvar” esta outra metade. Nos tópicos ele diz que antes de comprar novas roupas, deve-se observar bem as que você já possui e vê se não pode usá-las por mais tempo; se você bebe vinho ou chá duas vezes por dia, passe a beber apenas uma vez, isto economizará e durará mais tempo; enfim, no final do ano sobraria milhares de libras.

Em outra passagem do texto, no capítulo três, além da frugalidade, é evidenciada a importância da virtude intitulada aplicação. Escritos como “Se lembre de que tempo é

dinheiro”, “Se lembre de que crédito é dinheiro”, “Lembre-se que o dinheiro é de natureza política”, “Cuidado ao pensar em suas posses e aceitar o crédito”, são sugestões que ele dá ao leitor no decorrer do capítulo, mostrando a importância das virtudes que almeja seguir. Benjamin Franklin finaliza:

Em suma, o caminho da riqueza é tão claro quanto o caminho do mercado, é só desejá-lo. Depende principalmente de duas palavras, indústria e frugalidade; isto é, não perder tempo nem dinheiro, e sim fazer o melhor com os dois. Sem indústria e frugalidade nada acontece, e com elas tudo. Aquele que recebe tudo que pode honestamente e guarda tudo que recebe (exceto despesas desnecessárias), certamente se tornará rico, se aquele que governa o mundo, a quem todos devem procurar uma bênção aos seus esforços honestos, não leva, em sua sábia providência (FRANKLIN, 1757, p. 45-46).

No capítulo seguinte, Franklin narra uma carta que recebeu, esta é assinada por *Titan Pleiades*. Na carta, o remetente diz ao General da província da Pensilvânia, na época Benjamin Franklin, que ele não pode ser ignorante, afirma existir grandes somas de dinheiro escondido no subsolo de vários lugares daquela cidade e em muitas partes do país. Após receber a carta, Franklin visita um amigo, e este assegurou não haver ouro e nem prata no subterrâneo da província. Benjamin Franklin completa:

Este rumor antigo de escavação de dinheiro, através de uma crença de que piratas esconderam, foi por muitos anos acreditado entre nós; de modo que você não anda mais de um quilômetro pela cidade sem ver vários poços escavados, e até alguns foram abertos recentemente. Homens sem bom senso foram atraídos para essa prática por um desejo arrogante de riqueza súbita e uma credulidade fácil do que eles estão ardentemente desejando ser verdade; enquanto os métodos mais racionais e certos de ficar rico são esquecidos (FRANKLIN, 1757, p. 56-57).

Nessa passagem, fica evidente o ato de moderação defendido por Benjamin Franklin, o qual aconselha que as pessoas evitem os excessos, mantendo sempre o equilíbrio em suas atitudes. Ele conclui o capítulo com as palavras de um amigo agrícola, Chester County, que deu ao filho uma boa plantação: ““Meu filho”, disse ele, “Eu te dou agora uma parcela valiosa de terra; garanto-te que encontrei uma boa quantidade de ouro cavando lá; você pode fazer o mesmo, mas deve observar atentamente, nunca cavar mais de um arado de profundidade”” (FRANKLIN, 1757, p. 61).

No capítulo seis, uma petição escrita aos que fazem parte da Superintendência da Educação, percebe-se a tentativa da virtude justiça, quando Benjamin Franklin narra que:

Desde a minha infância fui levado a considerar a minha irmã como um ser de grau mais elevado. Eu sofri ao crescer sem o mínimo de instrução, enquanto nada foi poupado na sua educação. Ela tinha mestres para ensinar a escrever, desenhar, aprender música e outras coisas; mas se eu tocasse um lápis, uma caneta ou agulha, eu era censurado; e mais de uma vez tenho sido espancado por ser estranho e quero uma forma graciosa. É verdade, minha irmã me leva com ela em algumas ocasiões; mas ela sempre fez questão de assumir a liderança, me convidando apenas por necessidade ou para figurar ao lado dela (FRANKLIN, 1757, p. 82).

E finaliza com um pedido aos amigos de juventude, “Condescender, senhores, para fazer meus pais sensíveis da injustiça de uma ternura exclusiva e da necessidade de distribuir o seu carinho e afeto igualmente entre seus filhos” (FRANKLIN, 1757, p. 84), encerrando o capítulo com o termo “a mão esquerda”.

No capítulo sete, são perceptíveis os preceitos da virtude frugalidade elencada por Franklin, evidenciando o ato de não desperdiçar. Em uma das passagens, ele relata que:

Quando eu era criança de sete anos de idade, meus amigos, em um feriado encheram meu bolso com moedas de cobre. Eu fui diretamente para uma loja onde vendiam brinquedos de criança e sendo encantado com o som de um apito que eu reconheci no caminho nas mãos de outro garoto eu me ofereci voluntariamente e dei todo meu dinheiro. Então eu voltei para casa e passei assobiando por toda a casa, muito satisfeito com o meu apito, mas perturbando toda a família. Meus irmãos, irmãs e primos entendendo o que eu tinha feito me disse que eu tinha pago quatro vezes mais pelo apito, me disseram as coisas boas que eu poderia ter comprado com o dinheiro e riram tanto de mim que eu chorei de vexame; e a reflexão me deu mais desgosto do que o apito me deu prazer (FRANKLIN, 1757, p. 87-88).

Benjamin Franklin dá vários conselhos para as pessoas não pagarem demais pelo seu apito, e finaliza expondo que “eu considero que grandes partes das misérias da humanidade são trazidas pelas falsas estimativas que fizeram do valor das coisas, e por pagar demais pelos seus apitos” (FRANKLIN, 1757, p. 90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe história sem documentos, portanto as fontes escritas são documentos importantes para o historiador. Através de fontes como o “Almanaque do Pobre Ricardo”, podemos buscar indícios de características de uma população. Entender tal processo histórico é buscar, através das pistas, compreender como os homens e mulheres agem e pensam em uma determinada época, sociedade e dentro de determinadas condições, sendo tais ações e pensamentos transmitidos pelo autor na escrita do impresso analisado.

A crítica dos costumes era o objetivo principal do “Almanaque do Pobre Ricardo”. Benjamin Franklin observava os acontecimentos e, através de provérbios conhecidos e reelaborados, oferecia críticas através deste periódico instrutivo. Observar a maneira que o “Almanaque do Pobre Ricardo” foi escrito e a forma como contribuiu para a população da época em que circulou, especialmente as classes menos favorecidas, levando conhecimentos úteis, é uma tarefa importante.

Durante o período de publicação e anos posteriores, um almanaque era encontrado em qualquer casa norte americana, sendo este o único material impresso que circulava na sociedade e de fácil acesso. Pode-se perceber então o quanto essa forma popular de literatura, que continha diversos conhecimentos, se propagou, obtendo importância para a população, transformando seus hábitos e valores. Analisar este impresso e a sua relação com a educação norte-americana e brasileira é um trabalho indispensável para os pesquisadores em história da educação.

FONTE

FRANKLIN, Benjamin. **Poor Richard's Almanac**. Philadelphia: DAVID McKAY COMPANY, Wahington Square, 1757.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Buttman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Passado, presente e futuro. São Paulo; Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**; tradução Sarmiento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção a obra prima de cada autor, 2005.

FRANKLIN, Benjamin. **A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna**. Lisboa: Typ. Soc. Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1825.

FRANKLIN, Benjamin. **A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna**. Rio de Janeiro, s/d.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. Torino: Einaudi, 1979. In: ECO, U e SEBEOK, T. A. (orgs.). **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: Márcia Abreu (org.), **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras/ALB/FAPESP, 1999.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/PPED, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Livros, leitores e práticas culturais no Instituto Ponte Nova. In: César Augusto Castro, Cláudia Engler Cury. (Org.). **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte Nordeste**. São Luís: EDUFMA, 2011b, v. 2, p. 121-141.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

SANCHES, Ana Maria Brito. **Virtude, Trabalho e Riqueza**. A concepção de sociedade civil em Benjamin Franklin. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado em Filosofia).

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2. ed., rev. São Paulo: Pioneira, 2001.